

LEITURAS E RELEITURAS EM TORNO A 2008¹

MESA-REDONDA COM PARTICIPAÇÕES DE HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES, IVAN MARQUES, JURACY ASSMANN SARAIVA E PEDRO MEIRA MONTEIRO

Ivan Marques: Nesta sessão, vou apresentar os componentes da mesa na ordem em que vão falar: Pedro Meira Monteiro, Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, professor de Literatura Brasileira em Princeton, nos Estados Unidos, tem feito pesquisas sobre autores como Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e Machado de Assis. É autor dos livros *Um moralista nos trópicos: o visconde de Cairu e o duque de La Rochefoucauld*, que saiu em 2004, e *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*, que é de 1999, entre outras publicações. A Prof^a. Juracy Saraiva, Doutora em Teoria Literária pela PUC do Rio Grande do Sul, atualmente é professora e pesquisadora do Centro Universitário FEEVALE, em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Suas pesquisas concentram-se na obra de Machado de Assis e também na leitura e metodologia do ensino de Literatura. Ela é autora, entre outros livros, deste aqui, que acaba de ser reeditado, *O circuito das memórias em Machado de Assis*. Por fim, Hélio de Seixas Guimarães, professor da Universidade de São Paulo e coordenador da graduação na área de Literatura Brasileira. Edita, com Marta de Senna, a revista eletrônica *Machado de Assis em linha*. Como pesquisador, vem se dedicando a Machado de Assis, à recepção crítica da obra do Machado, e publicou em 2004 o livro *Os leitores de Machado de Assis – o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. Nós combinamos, então, começar com o Pedro, que vai falar sobre a questão moral em Machado. A palavra é sua.

Pedro Meira Monteiro: Bom, eu espero que vocês estejam me acompanhando num delírio auditivo: cada vez que se fala do Machado há um sabiá que canta lá fora, e eu suponho que um sabiá não cante à toa numa faculdade de Letras.

¹ Mesa-redonda realizada durante o evento "Machado de Assis: balanço e perspectivas de um centenário", no dia 1º de setembro de 2009, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Transcrição de Jaini Manoela de Lima Mendes, aluna do Mestrado em Letras da UNESP, campus de São José do Rio Preto.

Queria, antes de mais nada, reiterar que é uma alegria estar aqui com os colegas do Grupo e poder falar um pouco com o pessoal da USP, e agradecer, evidentemente, e muito especialmente, toda a gentileza e a diligência do Hélio, como organizador e como nosso anfitrião nestes dois dias.

Eu inicio por uma confissão. Na verdade, eu não fui capaz de acompanhar toda a movimentação em torno de Machado no ano de 2008, embora eu tema, é claro, que ninguém tenha conseguido, de fato, acompanhar tudo o que se produziu. No entanto, eu tive a oportunidade e a felicidade de organizar alguns eventos, aqui e ali, envolvendo, inclusive, alguns dos colegas aqui presentes. Eu me sinto, portanto, em condições de trazer, para o balanço do ano de 2008, não mais que alguns comentários em torno de algo a que se poderia chamar a questão moral em Machado. A questão moral remete, é claro, à densidade e à opacidade dos principais personagens machadianos, algo que me parece ter sido apreendido com grande felicidade num estudo recente, que foi bastante comentado pelo Prof. Bosi ontem, de José Luiz Passos, chamado *Machado de Assis: o romance com pessoas*, que foi publicado no fim de 2007 e começou a circular em 2008, nessa coleção, justamente, da Edusp e da Nankin, de estudos machadianos.

O que importa lembrar, de forma muito resumida, é que o livro em questão não é em si, me parece, uma pedra fundamental sobre a qual se deva erguer uma nova vertente da crítica. Mas ele é – e nisso o seu poder de revelação é imenso – um apanhado minucioso da conformação moral das personagens machadianas. Resumindo um pouco barbaramente o argumento do livro, trata-se de perceber que entre aquilo que os personagens declaram e aquilo que eles ocultam, há um vão – um vão que não poucas vezes se torna, em Machado de Assis, um abismo.

Isso naturalmente nos convida a revisitar toda uma vertente já clássica, eu diria, da crítica machadiana, cujos expoentes são Augusto Meyer e, mais recentemente, o próprio Bosi. Não à toa, uma das metáforas mais eficazes para a compreensão daquilo a que se poderia chamar um adensamento do sentido da ação em Machado de Assis é a máscara. Porque a máscara evidentemente tem a função de sobrepor uma capa àquilo que, nos termos de Augusto Meyer, é a "essência turva do homem". Uma expressão – "essência turva" – que Meyer utiliza tendo em mente os moralistas franceses, La Bruyère e La Rochefoucauld, exatamente dois dos mais importantes componentes do exercício de

"genealogia do olhar machadiano" empreendido por Bosi em *Machado de Assis: o enigma do olhar* (1999). O livro do Bosi remete, portanto, especialmente à matriz do moralismo clássico francês, e com ele vem toda a discussão do amor-próprio, do nascimento da economia política, da política e da moral, do diálogo, digamos assim, entre os moralistas escoceses e a tradição moralista francesa. Enfim, é uma discussão que está no berço desse laboratório humano que está na obra do Machado.

Mas se é verdade que esse exercício, digamos assim, de adensamento da ação remete a essa matriz, não menos verdade é que essa mesma matriz reclama, do crítico literário, atenção ao aspecto propriamente teatral da ação. Nesse sentido, o livro do José Luiz Passos, me parece, traz uma contribuição fundamental ao deslindamento do imaginário dramático machadiano e pode ser lido, com grande proveito, na esteira de uma tradição crítica que aponta para a leitura de Hellen Caldwell e seus muitos galhos na crítica brasileira. Isso abre caminho, ao mesmo tempo, para a presença da literatura inglesa em Machado, que foi discutida aqui, e cuja importância nos faz pensar, imediatamente, em Eugênio Gomes, e, mais recentemente, próximo ao ano cabalístico de 2008, em todo o reacender de uma discussão sobre a presença ineludível de Shakespeare na produção machadiana, e aí a importância das investigações pontuais e precisas de Marta de Senna, e da recuperação, em grande estilo, do teatro de Machado, por João Roberto Faria.

O Hélio tem um texto muito bonito, que traça um pouco a história da presença inglesa em Machado, na fortuna crítica. Tentando resumir o que aparece em Meyer, Bosi e, agora, no livro de José Luiz Passos, o que está em questão é, me parece, o aspecto falsificador da fala do sujeito, ou, talvez convenha dizer melhor, o aspecto autofalsificador da fala do sujeito. Em suma, entre o que o sujeito pensa de si mesmo e o que, de fato, o move, há uma distância enorme, que, no entanto, o próprio sujeito desconhece. Daí que para compreender Machado e, a rigor, não apenas o Machado da chamada "segunda fase", seja necessário, muitas vezes, que nos escoremos na suspeita de que o sujeito é invisível a si mesmo, o que me lembra uma tirada de um filme de Patrice Leconte, para quem há uma semelhança inegável entre os psicanalistas e os contadores. É que os dois campos, o da Psicanálise e o da Contabilidade, trabalham com aquilo que o sujeito declara e com aquilo que ele esconde... A brincadeira é séria, "seriíssima", para lembrar a gravidade ridícula de José Dias. Séria, porque aí se abre um desvão no interior do sujeito, um desvão que foi recentemente perscrutado, com

inspiração declarada em Augusto Meyer, por Alcides Villaça, num belo ensaio sobre "O espelho", publicado num número da *Luso-Brazilian Review* – ensaio em que a imagem da superfície é levada aos seus limites. Em suma, quando levado aos limites, o sujeito encontra-se na borda de um abismo, que é o seu interior, formado por aquela massa, aquele *stuff* de shakespeareana memória, que é também a matéria da fantasia e dos sonhos (o sabiá continua cantando!).

Nós sabemos que não apenas a fantasia e os sonhos podem ser importantes em Machado, mas, também, que essa mesma vertente crítica, que sonda os desvãos do sujeito, tem na Psicanálise um instrumental único de compreensão do personagem, do narrador ou do sujeito. Penso, então, nos trabalhos de Lucia Serrano Pereira, que, no ano passado, apareceu com um novo livro sobre Machado, desta vez sobre a questão da vertigem nos contos machadianos. Lucia Serrano é uma psicanalista de Porto Alegre, que publicou, em 2004, uma belíssima interpretação de *Dom Casmurro*, num livro chamado *Um narrador incerto entre o estranho e o familiar: a ficção machadiana na psicanálise*, publicado pela Companhia de Freud. E o título deste livro de 2008 é *O conto machadiano: uma experiência de vertigem – ficção e psicanálise*, também pela Companhia de Freud. Eu termino com a ideia – que busco, principalmente, nessas referências todas que eu fiz – de que a novidade de Machado de Assis tem, afinal, a ver com certa "evolução", pensando aqui em uma história da literatura, e não apenas da literatura brasileira. Ocorre que, se há uma novidade em Machado, ela talvez abra, digamos, as cortinas para toda a discussão da ideia mesma de "ruptura", quando se pensa em termos de um tecido literário, ou de uma evolução da literatura.

Mas então, a novidade de Machado de Assis – e essa talvez seja a hipótese que está flutuando, digamos assim, e assombrando esses vários críticos que eu lembrei aqui – teria, afinal, a ver com a surpresa que o sujeito sempre nos apronta... A questão, no fim das contas, é que nós nunca sabemos precisamente o que esperar de um grande personagem machadiano. Aliás, como demonstrou José Luiz Passos, o interessante é que o personagem se metamorfoseia em meio à trama, ao ponto de desconhecer-se, isto é, não apenas de surpreender o leitor, mas de desconhecer-se a si mesmo. Eu acho que vale a pena desdobrar, entretanto, aquilo que se guarda justamente nesse caminho de uma transformação que, no fundo, torna o sujeito estranho ou, no limite, invisível a si mesmo, como se ele, sujeito, tivesse tomado um caminho – a própria ficção, no caso do

Dom Casmurro – em que o auto-reconhecimento se torna impossível. Um caminho sem volta, mas, também, um caminho de muitas voltas.

Eu penso aqui em roubar momentaneamente a ideia que o Prof. Bosi trabalhou ontem com muita propriedade, e com bastante ironia também, de uma assimetria (ao invés de um conflito) para compreender a relação na casa de Matacavalos, entre Capitu e Bento. Penso em como seria interessante arrastar essa ideia da assimetria para dentro do sujeito, isto é, o sujeito é assimétrico em relação a si mesmo! Isso cria uma espécie de vácuo, de vazio, de descompasso do sujeito, que marca a vertigem (em termos psicanalíticos), mas que, sem dúvida, é vertiginoso também do ponto de vista do leitor, já que o leitor se perde, aí, em deslizamentos completamente perigosos e, ao mesmo tempo, muito sutis – sutis e fortes, sutis e profundos. A rigor, esse processo de auto-estranhamento tornaria, então, o personagem machadiano diferente, e esse é um ponto importante naquela "evolução". Em termos muito esquemáticos, eu diria que esse auto-estranhamento torna o personagem de Machado diferente do personagem do romance naturalista.

De fato, o personagem da novela naturalista é como que formado de antemão, como se desde o início da trama estivessem dispostos, a quem queira compreendê-los e listá-los, os elementos da sua própria tragédia. Esse personagem da trama naturalista é capaz de grandes gestos, que, aliás, o aproximam do animal, dando-lhe aquela feição de besta humana, que a maestria de Zola capturou como ninguém mais. Mas e o personagem machadiano? Ao invés dos grandes gestos e da confirmação de um caráter desde sempre moldado pelo exterior, o personagem de Machado é aquele que instaura um universo infinito e interior de pequenos deslizamentos de sentido, o que dá origem a uma ação que se complexifica até às raias do incompreensível, postando o enigma não mais no seio da sociedade, mas derrubando-o, sem cerimônia, no colo do sujeito. Sujeito que, insisto, é um personagem desde sempre formado por uma máscara, sua *persona*, e por um fundo inescrutável, cujo fundo sem fundo nos deixa, de fato, em vertigem e incapacitados de encontrar a palavra que nomeie a esse mistério sem nome. Assim, talvez valha a pena terminar perguntando o que não se responde: de que, afinal, é feito o fundo dos personagens de Machado de Assis?

Ivan Marques: Eu passo a palavra, então, para a Profª Juracy.

Juracy Saraiva: Muito obrigada! Inicialmente, eu quero cumprimentar a todos, agradecer à Marta e, em especial, ao Hélio pela oportunidade de mais um encontro e, sobretudo, pela oportunidade de aprender, porque essas sessões têm sido, realmente, muito significativas. De ontem para hoje, nós estamos ouvindo coisas novas e renovando o conhecimento de algumas, o que, para quem gosta de estudar e de aprender, é sempre uma satisfação.

Quando se decidiu a respeito deste encontro, um dos tópicos sugeridos foi que fizéssemos um balanço sobre as comemorações do ano machadiano. Nesse momento, falou mais alto a professora que eu sou, porque, além de pesquisadora, eu trabalho no curso de Letras, portanto, num curso de formação de professores, e atuo, também, junto a duas redes municipais. Então, a competência dos professores sempre tem sido uma coisa que me toca muito de perto. Por essa razão, eu consultei a Marta se eu poderia fazer uma avaliação das comemorações sobre o Machado de Assis nas escolas de ensino médio do Rio Grande do Sul, evidentemente, com que eu teria mais contato. Por que essa opção? Porque os convites que me foram feitos me incomodaram muito: me convidavam para falar sobre a vida e a obra. Eu dizia "Vida e obra? Mas o que vocês querem especificamente?" "Não, professora, vida e obra. Os alunos não sabem nada, fale sobre vida e obra." É evidente que isso me chocava muito e das quatro escolas em que palestrei, apenas uma escola e, por sinal, a de uma ex-aluna minha, havia preparado os alunos com a leitura dos contos. Em apenas uma delas os alunos tinham feito a experiência da leitura. Aí, eu tentei fazer um levantamento e a coisa foi pior do que eu imaginava: eu não consegui levantar dados, porque simplesmente o centenário do Machado passou muito bem pela imprensa, passou pelos meios de comunicação, e não passou pelas escolas de ensino médio, ao menos por aquelas que eu consegui alcançar, porque daí desisti do levantamento global no Rio Grande do Sul.

Diante disso, e como eu já tinha me comprometido, eu fiquei mais curiosa ainda e resolvi fazer o levantamento nas universidades, ou nos cursos de Letras das universidades do Rio Grande do Sul. Então, o meu trabalho, aqui, destoa em relação ao dos colegas, de alguns colegas, porque eu realmente não fiz um texto de natureza teórico-interpretativa ou crítica. O que eu vou lhes apresentar são dados que levantei e que têm por base uma contabilidade que talvez não seja tão exata, mas eu garanto que não tem caixa dois.

Como vocês estão vendo [projeção de dados da pesquisa], eu coloco o meu tema dentro da questão dos balanços – "Balanço e perspectivas de um centenário". Meu título: "Celebração ou desinformação?" Aliás, o meu título também poderia ser "Celebração ou desinteresse?" – e parto dessa frase do Robert Jauss, em que ele menciona que a historicidade em Literatura não se baseia numa relação estabelecida pela efeméride dos fatos literários, senão na experiência prévia da obra literária por seus leitores. Ao retomar a História da Literatura, Jauss contesta a demarcação de datas ou de efemérides, que são os determinantes de parâmetros para a Literatura, defendendo a ideia de que a experiência da leitura pelos leitores é que vai, de fato, determinar a História da Literatura.

Nós temos que ter presente que, para Jauss, o leitor não é um indivíduo; ele concebe o leitor como um coletivo. A partir desse coletivo ele verifica como as obras são interpretadas ou são lidas, ou seja, qual a atualização da obra em determinado momento histórico, o que vai significar uma ruptura em relação às leituras que vinham sendo feitas previamente ou uma reafirmação daquilo que já havia sido definido. Nesse sentido, eu achei que, de fato, nós estávamos diante de um momento em que se dava ênfase à celebração, e a minha preocupação era ver se a essa celebração se sobrepunha uma renovação da leitura dos textos literários, e isso num âmbito específico, agora preciso, ou seja, o dos cursos de Letras.

O objeto da pesquisa são os eventos de 2008 nos cursos de Letras do Rio Grande do Sul, e, para que vocês tenham uma relação numérica, que eu acho importante também, no Rio Grande há trinta instituições que têm cursos de Letras. Há onze Mestrados e cinco Doutorados. Numericamente, considerando que é uma população bem menor que a do estado de São Paulo, nós vemos que a área de Letras é uma área prestigiada; ela aparece em vários locais, até mesmo em instituições bastante desconhecidas. Em relação a isso, então, os objetivos da pesquisa eram analisar a natureza, como aí está, dessas homenagens, identificar as perspectivas sobre as quais essas homenagens se davam e, ainda, avaliar a forma como a imagem do escritor era produzida nesses eventos.

A metodologia, evidentemente, foi uma busca através de correspondência para as instituições que não tinham nenhuma informação no site. Nas que tinham, então, o

levantamento foi feito nos sites e também em publicações, porque alguns eventos conseguiram publicar livros referentes a isso.

Então, aqui, eu tenho as instituições que foram envolvidas na pesquisa, a partir dessa metodologia de consulta que foi feita, desse levantamento de dados. Foram 22 instituições que fizeram eventos relativos a Machado. Oito ignoraram. E, pasmem, a Universidade de Passo Fundo, que tem o maior evento literário do Brasil, não fez nada sobre Machado. O evento depende das pessoas; a Tânia já faz um, não há quem faça outro. Eu falo Tânia porque todo mundo conhece a Tânia Rösing, que é a coordenadora do grande evento de Passo Fundo. Então, essa informação numérica está aí repetida, na forma de gráfico, porque as minhas bolsistas adoram fazer as coisas visualmente – e eu aplaudo.

Quanto à natureza dos eventos, foram oito eventos que eu denominei de científicos (embora, com certeza, um deles não o tenha sido), eventos: ou seminário, ou fórum, ou encontro, coisas desse tipo; cinco palestras isoladas; dois cursos; e encenações dramáticas, que era o que se fazia nas escolas de ensino médio também, e isso volta a se repetir nas instituições de ensino superior; e mais aquilo que eu chamo de "outras", categoria que envolve leitura dramática, olimpíadas sobre conhecimento objetivo a respeito de Machado (nasceu quando? Morreu quando? Que livros publicou? Era do realismo? Não era do realismo? Coisas desse tipo) Além das olimpíadas, houve também concurso de produção de textos, que eu incluí nessa categoria "outras".

Resolvi então elencar os eventos que eu considere científicos e fazer uma breve explicitação daquilo que foi oferecido neles. Procurei colocar os eventos até por ordem de importância, porque é inegável que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul é a maior delas, é a mais importante, a PUC depois, a Unisinos depois, e coloquei a Universidade Federal de Santa Maria em quarto lugar, por causa da emergência em Letras, não a estou classificando como um todo.

Bem, em relação à UFRGS, o evento tinha por tema o realismo como problema. Vejam: o tema era o realismo como problema e, nesse evento, Machado dividiu espaço com Guimarães Rosa – evidente que se justificava isso –, mas o objetivo era, de fato, discutir a problematização do realismo do Machado, porque suas produções não se encaixariam em nenhuma das classificações de estilo de época e, portanto, ele teria contestado essa

concepção realista da arte; este era o propósito. Entretanto, o que se ofereceu nesse evento? Uma conferência do Hélio, em que ele fala da questão da recepção; e mais uma mesa-redonda com o Prof. Flávio Loureiro Chaves, que segue uma linha sociológica de análise literária; a palestra da Profª Laura Padilha, cujo trabalho sobre Machado eu não conheço; apresentou-se também o Prof. Luís Augusto Fischer, que faz uma mescla entre biografia e interpretação de textos. Então, isso foi tudo o que a UFRGS fez, porque Machado não teve mais espaço do que isso no evento todo. Ofereceram, também, a oportunidade de comunicações no evento, mas eu não tive acesso a isso para poder fazer o levantamento.

Na PUC, no "Seminário Brasileiro de Crítica Literária", houve uma conferência sobre Machado e Rosa: "Machado e Rosa: o nada e o terceiro incluído", do Affonso Romano de Sant'Anna. Houve também uma mesa com professores da própria PUC, em que esses professores analisaram a crítica do Rio Grande do Sul sobre Machado de Assis: Moysés Vellinho, Raymundo Faoro, e eu acho que o outro foi Alcides Maya. Eu brinco sempre que os gaúchos são muito bairristas. Imagine se nós íamos discutir um evento sobre Machado sem usar os nossos críticos... Eles têm que aparecer em algum lugar. Novamente, vocês estão vendo que foi limitada a participação.

Depois, nós tivemos um "Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira", na Unisinos, que também se vinculou a Machado e a Guimarães, e que ofereceu três minicursos sobre Machado de Assis. Um deles estava elencado, mas não foi dado, "Machado e Rosa", com Daniel Piza; aliás, Daniel Piza teria, além disso, mais uma palestra. Não avisou e não compareceu... Eu sei que as minhas colegas estavam apavoradas... Além disso, houve também mesas-redondas: "A cidade e o sertão", em que falei eu, falou o João Hernesto Weber, de Santa Catarina; "Figuras do Brasil", que teve três componentes da própria Universidade. Vejam, Machado, aqui, foi bastante prestigiado, mas em função, por exemplo, da relação dele com a História, da relação dele com outras áreas.

A Universidade Federal de Santa Maria fez um seminário e na sua chamada enfatizava a importância de Machado de Assis, mas explicitava "assuntos relacionados à Literatura e à História". Machado, aqui, dividiu espaço com Guilhermino César, e eu nem sabia que também seria o centenário dele... Machado, nesse evento, mereceu uma única palestra:

"O cosmopolitismo da Literatura Brasileira", "Machado de Assis e o cosmopolitismo na Literatura Brasileira".

Depois, entra outra instituição, a ULBRA. A ULBRA caprichou na apresentação, no que foi feito em relação a Machado de Assis. Houve inúmeros eventos relacionados a Machado, foi um encontro bastante grande. Foram duas conferências: uma da Regina Silva e uma outra minha; três minicursos, oferecidos pelos professores; um painel com cinco participantes, também da casa; e a composição de seis simpósios. Então, embora não tivessem investido tanto em convidados, eles, de fato, passaram uma semana discutindo a obra de Machado de Assis. O interessante é que cada professor ficou encarregado de algum tópico: um trabalhou com crônica, outro trabalhou com teatro, e valorizaram a leitura dos textos. Então, descontando os problemas de natureza financeira da ULBRA, os docentes de Letras fizeram bem o seu papel.

Depois, nós tivemos a FAPA, que teve seminário, como vocês estão vendo aí, e também ofereceu três conferências sobre Machado de Assis. Entre os conferencistas, estava o Prof. Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto; eu considero bastante representativa a participação dele, que é uma pessoa de renome e um estrangeiro que vem se somar às discussões relacionadas a Machado. Também a História esteve presente, "Machado e a História" e a "República e o subúrbio em Machado de Assis"; novamente a análise se dá sob um ângulo da História, da historiografia.

Depois disso, nós temos a FEEVALE, a instituição de onde eu sou, que eu acho que também caprichou, não podia deixar de ser. Houve a conferência de abertura, dada pela Marisa Lajolo; três mesas-redondas, com cinco participantes; uma sessão coordenada, com dois participantes; e, ainda, um minicurso dado pelo Paul Dixon – Paul Dixon trabalhou a semana toda sobre os contos machadianos; Marta e eu compusemos uma mesa, e o Paul Dixon compôs outra mesa junto com a Prof^a Regina Zilberman. Então, eu acho que eu fiz o dever de casa... eu tinha que me encarregar.

Depois, um outro evento, que nem se poderia considerar como evento científico, foi o da Faculdade Anhanguera, de Passo Fundo, que está se estabelecendo no Rio Grande do Sul. Eles fizeram duas mesas-redondas, com seis participantes, e duas oficinas; entretanto, a primeira mesa se chamava "Histórias do contador de história" e não havia nenhum especialista em Machado de Assis – inclusive, o presidente da Academia de

Letras lá de Passo Fundo era um dos participantes. Era uma coisa para inglês ver. Todo mundo falava o que bem queria, a coisa era bem anedótica. E entre as mesas-redondas, um dos temas principais era a língua, como estudar língua portuguesa em Machado de Assis. Então, também, foi bastante desafiador! Imagina! Nós usarmos o texto do Machado para estudarmos a língua portuguesa. Outro título que vale lembrar é "O português de Machado de Assis como paradigma para a língua portuguesa".

Entre as demais, então, a UniRitter não fez evento específico, mas ofereceu um curso – "Da doxa ao paradoxo", com o Prof. Arnaldo Saraiva. A URI fez um curso com vários professores convidados e desse curso resultou um livro. A UFPel, que é a Federal de Pelotas, apenas duas palestras, mas a pessoa que me informou não sabia sequer o título das palestras, então elas ficaram em branco. A UNIJUÍ fez uma única palestra. A UNISC, uma palestra com Paul Dixon, e, pasmem, porque eu insisti com uma amiga que trabalha lá que levasse o Paul Dixon, que já estava na FEEVALE, para que desse uma palestra lá. A FACCAT fez uma palestra chamada "Um século de Machado de Assis", mas não souberam indicar quem fez. Nessa outra instituição, fizeram a palestra "Contemporaneidade e Machado de Assis"; também uma pessoa da própria casa, que não é um estudioso de Machado.

Na Unilasalle fizeram peças teatrais, bastante teatro, bastante encenação, sem muita relação, muito livre. E houve, também, no IPA, uma leitura dramática. Eram vários esquetes teatrais, e a ideia de um deles era apresentar a vida do pobre menino do morro do Livramento, favelado, gago, e que, inclusive, de vez em quando, via coisas.

Então, na FACCAT e numa outra fizeram uma mostra de trabalhos, mas elas não sabiam dizer exatamente sobre o quê: "os melhores trabalhos feitos em aula sobre o Machado a gente colocou no corredor". Na UNISC, fizeram, além daquela palestra do Paul Dixon, um concurso para o ensino médio, "os melhores textos sobre a obra de Machado e sobre a obra de Guimarães". Evidentemente que a universidade repassou para os professores do ensino médio a tarefa, ela não assumiu, é muito fácil... "façam o concurso e nós vamos premiar". Na outra aqui [indica no painel], houve mostras de trabalhos, e a URI fez, então, além de um curso, o livro e uma olimpíada envolvendo os alunos do segundo grau.

Quero dizer que a contabilidade pode não estar tão adequada. Eu procurei analisar, a partir das palestras a que eu tive acesso, qual era o enfoque que estava sendo dado nessas comunicações, nessas conferências. A representação da sociedade, da História, ou seja, uma relação mimética da obra com o seu contexto foi o que mais se evidenciou. E eu insisto aqui em dizer que uma representação mimética inadequada, porque era uma relação de causa e efeito na maioria delas.

Além disso, houve muitos estudos comparados – Machado e Shakespeare, Machado e Guimarães, Machado e Borges –, coisas nessa linha também apareceram bastante; a questão da poética e dos processos de construção – eu incluí aqui os trabalhos da Marta, o meu, da Regina Zilberman e do Paul –, que é a nossa preocupação; análise da fortuna crítica; as personagens femininas, mas, aqui, dentro daquela perspectiva de gênero, como é que ele desenha a mulher, se é a favor ou contra a mulher... Os processos interdiscursivos também apareceram muito, quer dizer, a obra de Machado e a Filosofia, ou a Filosofia e a obra de Machado. Vejam que muda quando a gente usa a Filosofia e a obra de Machado, a História e a obra de Machado, e assim por diante. Interessante foi um painel que criaram, na área de Direito, no qual analisavam a representação da mulher na obra. Era um psicanalista, uma psicóloga e um professor da área de Direito, e era a Capitu que estava sendo analisada. Também entrou a leitura e a representação de leitores, que eu fiz questão de destacar, Hélio, porque era o teu trabalho, e havia outros também; abordagens metodológicas, que me deixam de cabelo em pé, "como trabalhar Machado de Assis em sala de aula"; e traduções, adaptações e transposições da obra; quer dizer, esse tópico também mereceu dois trabalhos muito sérios, que eu tive a oportunidade de receber e ver.

Também me chamou a atenção a ênfase dada ao mercado editorial e aos jovens leitores: "Machado de Assis e os contos em quadrinho", "as adaptações dos contos". Foi uma proposta de natureza polêmica, fazer ou não fazer, então achei que até era importante. Uma outra ênfase: a recepção da obra nos Estados Unidos. E, como não poderia deixar de ser, para ser politicamente correto, as personagens negras, como elas são tratadas na obra, assim como as personagens mulheres. Depois, também, houve um trabalho sobre Machado crítico, a relação com a Cultura Portuguesa, novamente a relação com a escravidão, Machado colaborador de jornais.

Então, a gente vê que o espectro é relativamente amplo. Aqui estão os livros que decorreram das homenagens: *Cem anos de Machado*, da ULBRA; o da URI; a *Revista Signo*, de menor importância; e esta *Revista da UNISINOS*, que eu não mencionei antes, que fez um belíssimo trabalho, vale a pena vocês consultarem, há artigos muito bons, inclusive do John Gledson e de outras pessoas interessantes, chama-se *Revista IHU Online*, vocês vão conseguir localizar.

Bom, o que a gente percebe em relação a essas atualizações? Em primeiro lugar, que a obra de Machado continua sendo abordada por sua natureza multifacetada. Isso evidentemente é mérito da própria obra. Entretanto, como eu já falava antes, há uma ênfase exagerada na relação com a História, ou o exagero está na concepção de que o texto é uma reprodução da sociedade em si, e essa preocupação de ler a História no texto ficcional sem guardar a devida distância. Além disso, também, a exposição dos processos reflexivos da produção; a legitimação da Literatura por outros campos discursivos, quer dizer, a Literatura deixa de valer por si mesma, mas os outros campos é que valem; a adoção de perspectivas politicamente corretas, essa da defesa política do negro, que deveria estar ou que está no texto de Machado, e também do feminino; a valorização dos críticos do Rio Grande do Sul, que ficou muito evidente também; o investimento na inter-relação com outras linguagens, porque havia muita proposta de curso que seria "Machado de Assis e o cinema", coisas desse tipo; e, por último, o aspecto mais negativo de todas as proposições é o da banalização da obra e a deturpação dos fins da Literatura, quer dizer, quando eu sobreponho ao estudo da Literatura o estudo da História, ou o estudo do Direito à Literatura, ou outras perspectivas, eu, evidentemente, estou deixando a Literatura em um segundo plano. Entretanto, quanto a isso, eu devo registrar que eu acho que a área de Letras, ao menos onde eu trabalho, não tem saída se ela não se conjugar com outras formas de manifestações. Nós não podemos ficar isolados no texto literário, achando que ele é a salvação da lavoura. Não é. Nós cada vez vamos ficar com menos alunos se não abrirmos a discussão para áreas que podem iluminar o texto e, inclusive, para reinterpretações a partir de outras linguagens.

Então, isto aqui é uma espécie de síntese, que eu, evidentemente, não poderia estender mais, por causa do meu tempo, e eu coloco perguntas, porque nós deveríamos trazer questões polêmicas. Em relação ao Rio Grande do Sul, considerando a quantidade das instituições, que são trinta, 22 fizeram alguma coisa; dessas, houve três instituições que,

de fato, marcaram bem a presença de Machado; outras fizeram de forma isolada, ou diferente – eu queria destacar a Universidade Regional Integrada, a URI, por exemplo, que fez um curso que resultou em livro, que eu acho que é uma coisa muito expressiva. Então, a minha pergunta é se, de fato, esses eventos constituíram uma celebração, ou se demonstram a desinformação ou o desinteresse em relação à obra de Machado de Assis, que se tornou mais um evento midiático do que um evento de reflexão de natureza crítica. E, por outro lado, uma vez que eu abri com aquela frase do Jauss, eu pergunto: em que medida eles valorizaram a experiência da leitura da obra, ou em que medida estimularam a experiência da leitura? Porque, efetivamente, como diz o Jauss, não é a efeméride que importa, é a experiência da leitura, ou seja, o ato de ler. E, por último, eu estou brincando agora, se Machado de Assis é um monumento ou é uma presença viva na Literatura Brasileira, se ele se transformou numa imagem, e nós vamos mudando as suas feições, ou se, de fato, ele consegue, por sua evidência, provocar aquilo que o Prof. Bosi, ontem, denominava tão bem: ser uma forma de conhecimento.

Ivan Marques: Bem, agora é a vez do Prof. Hélio Guimarães fazer a sua apresentação.

Hélio de Seixas Guimarães: Boa tarde a todos! Já que todos agradeceram a mim, eu não vou me agradecer, porque sou modesto, mas quero agradecer aos colegas pela presença, assim como a todos que estão aqui.

Também devo dizer não sou tão metódico quanto a Juracy, mas também vou tratar um pouco dos eventos realizados em 2008 e, a partir deles, propor uma reflexão que tem me interessado, que tem a ver com a recepção crítica da obra do Machado de Assis e com a figura de Machado de Assis. Entre os muitos eventos realizados em torno ao centenário de Machado de Assis, vários deles colocavam, já desde o título, uma questão ou problema recorrente nos estudos machadianos, e que tem a ver com a pertença principal e/ou o alcance da obra de Machado de Assis. A que lugar pertencem Machado de Assis e sua obra? Esta é uma pergunta que está no ar desde que Machado de Assis começou a publicar sua obra no século XIX.

Vou tratar rapidamente de dois desses eventos, para tentar me manter dentro do limite de tempo que eu mesmo impus aos colegas, mas já peço desculpas se eu me alongar um pouquinho, quebrando a regra que eu mesmo criei. Escolhi esses dois eventos, porque eles parecem condensar essa problemática machadiana, que está presente tanto na crítica

sobre Machado como na própria obra do Machado, e que consiste na discussão sobre o lugar que o escritor e sua obra ocupam, ou deveriam ocupar, no panorama brasileiro e, também, internacional.

O primeiro evento do qual eu vou falar é o evento que abriu oficialmente as comemorações do ano Machado de Assis e que foi realizado na Embaixada do Brasil em Londres, ainda em 2007, no mês de junho. A Academia Brasileira de Letras, junto com o Ministério das Relações Exteriores, organizou essa "Semana Machado de Assis". Por acaso eu estava na Inglaterra, num estágio de pós-doutorado, e participei desse evento, fortemente marcado pelo objetivo de tornar a obra de Machado de Assis mais conhecida na Inglaterra e, por extensão, e a partir dali, nos países de língua inglesa. O evento teve a presença de alguns acadêmicos – tanto no sentido de professores universitários e pesquisadores da obra de Machado de Assis, como também de acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, já que, como disse, era patrocinado pela Academia e pelo Ministério.

O tom dominante ali, me pareceu – e isso ficava sugerido pelo título de uma das comunicações, que, traduzido para o português –, era mais ou menos o seguinte: "Redescobrimo o gênio literário negligenciado e buscando os elementos essenciais para recolocar Machado de Assis (1839-1908) no seu lugar de direito na História Literária Universal". Havia ali uma constatação, talvez um pouco tardia, mas que ressurge de vez em quando, de que Machado de Assis não ocuparia o lugar natural que deveria ocupar no panteão dos grandes escritores universais. Constatado isso, seria preciso fazer alguma coisa, de preferência urgente, para recuperar o tempo perdido e fazer com que Machado e sua obra ocupassem esse "lugar de direito".

Eu me lembro da decepção de um dos secretários da embaixada com o fato de, na noite da abertura do evento, não ter aparecido nenhum dos grandes editores que estavam sendo esperados. A decepção era grande porque um dos objetivos da festa era que, a partir dali, houvesse uma maior divulgação de Machado de Assis em língua inglesa, que sabemos ser hoje a língua capaz de dar estatura internacional a um escritor. Vale dizer que a grande editora que estava sendo esperada apareceu num outro dia, mas na noite de abertura ela não apareceu, e era nítida a frustração com essa ausência.

Por outro lado, sabemos que não é por falta de traduções para o inglês que Machado não é lido, ou é pouco lido, pelo grande público de língua inglesa. A partir da década de 1950, a obra de Machado de Assis passou a ser traduzida regularmente para o inglês; hoje, quase todos seus romances, senão todos, estão disponíveis em tradução para o inglês, alguns com mais de uma versão, e o mesmo acontece com todos os seus melhores contos. Em 2008, saiu na Inglaterra, pela Bloomsbury – que publica o *Harry Potter* e cuja editora é a Liz Calder, uma das idealizadoras da FLIP, a Festa Literária de Paraty – uma coletânea de vinte contos traduzidos de modo ultracriterioso pelo John Gledson.

É inegável que essas traduções aproximam certos círculos universitários, principalmente os círculos universitários norte-americanos, da obra de Machado de Assis, mas, apesar disso, a situação do Machado, bem como a dos autores brasileiros em geral, nas livrarias dos Estados Unidos e da Inglaterra, é bastante precária. Nas livrarias virtuais, como a Amazon, a gente até encontra alguma coisa, mas, nas livrarias propriamente, é muito mais difícil você encontrar Machado ou algum autor de Literatura Brasileira. Talvez o Paulo Coelho seja a exceção à regra, mas resta saber se o Paulo Coelho é brasileiro ou mesmo se o Paulo Coelho é deste mundo... Mais difícil do que compreender a pertença de Machado será compreender a pertença do Paulo Coelho...

O John Gledson, que também traduziu para o inglês vários livros de autores brasileiros, entre eles o *Dom Casmurro*, já deu depoimentos bastante interessantes, e também muito desanimadores, sobre a circulação dessas traduções, que é muito pequena. E isso ocorre a despeito dos livros serem recebidos na imprensa com resenhas elogiosas escritas por pessoas importantes e respeitáveis, publicadas em jornais de prestígio. Ou seja, a literatura brasileira dificilmente alcança círculos mais amplos do que o de pequenos grupos universitários. Nesse mesmo sentido, uma professora norte-americana, Daphne Patai, escreveu um artigo muito interessante, "*Machado in English*", sobre as traduções e a circulação de Machado de Assis em língua inglesa. Ela mostra que, embora a obra de Machado esteja relativamente bem traduzida para o inglês e tenha obtido sucesso em alguns círculos, principalmente acadêmicos (há leitores famosos que sempre são evocados para mostrar, às vezes de maneira até bem provinciana, que Machado é, sim, muito lido no exterior – é o caso de Susan Sontag, Woody Allen, Harold Bloom –, muitas vezes convocados como "provas" disso e como atestado da qualidade do autor,

ou mesmo da literatura brasileira, como se fosse necessária a chancela estrangeira para que acreditemos nisso), a Daphne Patai mostra que a obra machadiana ainda está à procura de um leitorado significativo nos Estados Unidos. E o que ela escreve a respeito dos Estados Unidos pode ser generalizado para os outros países.

Então, uma das incertezas do lugar do Machado de Assis tem a ver com essa circulação historicamente problemática da obra machadiana, com esse descompasso entre uma aspiração mais ou menos coletiva sobre o lugar que o Machado, sendo o escritor que é, deveria ocupar entre os grandes escritores do século XIX, ou mesmo de todos os tempos, e o lugar que efetivamente ocupa. Parece haver uma ansiedade dos grupos mais ou menos letrados, aqui no Brasil, que retorna, de tempos em tempos, relacionada a essa sensação de descompasso entre o lugar natural, de direito, e o lugar, de fato, que esse escritor ocupa no panorama internacional. O Machado de Assis aparece como um lugar mesmo, amplo, em que se projetam muitas aspirações, relacionadas ao papel e ao lugar que a literatura tem ou deveria ter no Brasil e, também, relacionadas ao lugar do Brasil no panorama internacional. São muitas exigências, muitas aspirações, muitos desejos de pertencer associados ao Brasil, à cultura brasileira, à literatura brasileira, que parecem convergir para Machado de Assis, o que o coloca nesse lugar difícil, que não se aquieta, marcado pela incerteza.

São questões que têm menos a ver com o fôlego literário do autor – e da relevância e interesse do que ele diz para leitores de qualquer lugar e de qualquer tempo – do que com questões de geopolítica literária, com o lugar que um escritor brasileiro do século XIX podia e pode hoje ocupar na cena literária. Aí parece que as possibilidades são restritas – como parece restrita a presença de Machado de Assis na cena acadêmica internacional – isso se compararmos, por exemplo, com os russos contemporâneos de Machado, como Dostoiévski, Tolstoi, Tchekhov. (Os colegas que trabalham fora do Brasil talvez possam dar suas impressões, a partir da experiência nas universidades norte-americanas, por exemplo.)

Num outro campo, mais acadêmico, universitário, me parece que o maior evento em homenagem ao centenário foi realizado pela Unesp, que reuniu muitos estudiosos da obra de Machado em agosto de 2008 no MASP, em São Paulo, e tinha como título justamente "Machado de Assis pela crítica mundial". A Unesp convidou especialistas

que trabalham nos Estados Unidos, em Portugal e na França para debater a obra do Machado de Assis, e a presença de tantos críticos, de tantos lugares e nacionalidades, pretendia ser em si mesma uma espécie de demonstração do alcance da obra machadiana para além das fronteiras nacionais. Esse evento, idealizado desde o título como uma espécie de consagração do Machado de Assis como esse escritor mundialmente conhecido e reconhecido, pelo menos entre os críticos de várias partes do mundo, incluindo alguns críticos brasileiros, reunidos na Avenida Paulista, acabou explicitando uma tensão muito antiga, também relativa à pertença da obra. A pertença nesse caso tem a ver com a discussão sobre o ângulo, o ponto de vista, a perspectiva a partir da qual essa obra seria lida melhor ou lida e apreendida no nível máximo de sua complexidade.

O embate entre o crítico Abel Barros Baptista e Roberto Schwarz, que se desdobrou em duas seções do simpósio, girava em torno da possibilidade ou mesmo da legitimidade de se ler Machado de Assis com, ou sem, o conhecimento do processo social e histórico brasileiro, das peculiaridades das relações sociais vigentes no Brasil do século XIX. Claro que há toda a riqueza e complexidade dos pressupostos que sustentavam as posições dos dois críticos naquele momento específico, e que sustentam as leituras que cada um deles faz da obra de Machado, mas me parece que também está em jogo aí uma reivindicação sobre a possibilidade de se ler Machado de Assis a partir de lugares diferentes. E o lugar aqui não é apenas geográfico, tem um sentido amplo.

A discussão entre Abel Barros Baptista e Roberto Schwarz em determinado momento foi suspensa, parecia não ter muito para onde ir. Os pressupostos eram diferentes e as possibilidades de leitura pareciam inconciliáveis. Quem tiver interessado em assistir às falas, elas estão disponíveis na íntegra no site que a Unesp fez para as comemorações, www.machadodeassis.unesp.br, com todas as palestras, todas as intervenções.

Como avisei no início, não fui tão metódico como a Juracy foi em relação ao Rio Grande do Sul. O que talvez interesse pensar a partir desses dois exemplos, e o que parece ter sido recolocado pelas homenagens do ano passado, é a questão recorrente, e talvez irresolúvel, do lugar preferencial para leitura de Machado e do alcance da obra machadiana, que tem sido problema recorrente da crítica machadiana, desde pelo menos os contemporâneos do escritor. Sabemos que de início Machado de Assis foi visto como

um escritor muito mais estrangeirado, ou universal, do que nacional ou local – exatamente o oposto da visão dominante nas últimas décadas, em que avançaram muito os estudos que procuram especificar os nexos entre a obra de Machado de Assis e a vida brasileira.

Apesar da variedade de abordagens da obra, que ao longo das décadas vão respondendo às obsessões e necessidades de expressão dos vários críticos e aos momentos históricos, políticos e culturais em que a crítica se realiza, subjaz a reiterada indagação sobre a pertença principal da obra machadiana – se primordialmente nacional/local, se internacional/universal. Essa questão se manifesta já nas primeiras leituras de Machado, que expressam a dificuldade em classificar sua obra dentro dos parâmetros então vigentes para o que deveria ser a "literatura nacional".

Em vez de procurar definir quem detém a verdade sobre a obra (há ideia menos machadiana do que essa?), penso que vale a pena pensar nas oposições, nas interpretações conflitantes, procurando inscrevê-las no quadro mais amplo da história da recepção crítica de Machado.

Essa recorrência das oposições e dos antagonismos, que desde sempre estiveram presentes nas interpretações da obra, dizem respeito a um problema literário e também a um problema cultural, que tem a ver, penso eu, com o lugar problemático que a literatura historicamente teve no Brasil, e com a questão também recorrente sobre a relevância (da literatura e também do país) no panorama internacional.

Ou seja, talvez estejamos num momento em que seja possível ler Machado de Assis sem ter que decidir um pleito, sem aderir a um partido, sem posições radicalmente exclusivas, levando em conta a desconfiança que a obra de Machado de Assis nos ensina a ter diante de qualquer explicação cabal e definitiva para o que quer que seja. Um momento de encarar o caráter múltiplo e conflituoso da sua literatura, na sua literatura.

A questão que fica, e fica sem resposta, é por que é tão difícil reconhecer, em relação a Machado, aquilo que Beatriz Sarlo, num excelente livro sobre Borges, vê como uma peculiaridade de Borges, caracterizado por ela como "figura bifronte de um escritor que foi, ao mesmo tempo, cosmopolita e nacional", um produtor de "ficções em que as

perguntas sobre a ordem do mundo não se estabilizam com a aplicação de uma resposta; ao contrário, são a arquitetura que organiza dilemas filosóficos e ideológicos".

Penso ser possível ler as disputas e os conflitos como algo produtivo para o entendimento do lugar problemático desse autor e, principalmente, para o entendimento da própria obra, que coloca, suscita e provoca esse tipo de questão. De certa maneira, estamos todos sempre respondendo às provocações que Machado de Assis inscreveu no seu texto.

Ivan Marques: Então ficaram aí várias questões que, inclusive, como o Hélió propôs, poderiam ser respondidas pelos colegas que trabalham fora do Brasil, no caso não só da recepção do Machado de Assis, mas do Brasil e da literatura brasileira na geopolítica literária. Junto com isso, eu acho que vocês possam talvez comentar – me lembrei disso quando o Hélió falou desse Simpósio da Unesp, o maior evento das comemorações –, eu fiquei pensando na abertura do evento. Há algo de paradoxal em abrir um evento dedicado à crítica internacional com o crítico brasileiro que mais tem, vamos dizer assim, se dedicado ao estudo do tratamento da matéria local na obra de Machado de Assis. E há uma pergunta que eu recuperei nas anotações, que o próprio Roberto disse que é uma pergunta ressentida que ele fazia naquele momento, que é por que a experiência brasileira é local e as outras experiências são universais? Então, eu trago de volta essa questão, não sei se ajuda o que o Hélió propôs, mas eu gostaria de saber o que vocês acham disso, se há razão para algum ressentimento, se há essa distorção, se isso é preocupante, o fato de a experiência brasileira ser local enquanto outras podem ser universais.

Juracy Saraiva: Eu não sei se a gente pode colocar a questão nesses termos, que a experiência brasileira realmente é local e as outras, universais. Mas eu acho que a obra de Machado, o texto de Machado, tem todas as nuances da universalidade. Eu lembro que, por influência de Machado de Assis, foi criado no Peru, em 2005, uma cátedra em Literatura Brasileira, porque um dos professores do Peru, que hoje está trabalhando na PUC de São Paulo, se apaixonou pela obra do Machado e estimulou a embaixada brasileira a criar, junto com a Universidad de San Marcos e com a Università degli Studi di Roma "La Sapienza", o Mestrado em Literatura Brasileira, em que o foco central era Machado de Assis. Estou dando um simples exemplo... Além disso, nós

temos tantos críticos internacionais que valorizam essa obra exatamente apontando sua universalidade.

Por outro lado, o Schwarz escreveu um livro, *Um mestre na periferia do capitalismo*, em que ele estabelece uma correlação de Machado com Baudelaire. Eu posso ter entendido mal, mas ele mesmo coloca Machado na periferia e faz uma comparação, sob o meu ponto de vista, em que ele, de forma alguma, valoriza Machado e tampouco valoriza Baudelaire. Eu acho que o contraste, a equiparação não fechou bem; são locais, são discursos, são manifestações diferentes, discordantes... eu realmente acho que não é isso, eu acho que o Machado tem seu lugar na literatura universal, e que vai depender do modo como nós o tratamos. Se nós quisermos estabelecer correlações imediatas com o contexto histórico-social, nós ignoramos essas possibilidades; agora, se nós, de fato, investigamos a obra tal qual está posta pela Léa Fisseli quando ela analisa o Borges, a perspectiva muda. Machado é um autor que coloca questões que, por sua vez, não têm respostas imediatas, mas que se referem à inserção, à participação do humano. Então ele é absolutamente universal, sim.

Pedro Meira Monteiro: Posso comentar? Eu sempre me pergunto até que ponto é ociosa ou é produtiva essa angústia em relação à questão da universalidade. Eu acho que o que o Hélios coloca de uma maneira brilhante e bastante conclusiva, forte, é que essa espécie de promessa da realização, essa diferença entre o lugar de direito e o lugar de fato, é o que alimenta uma frustração constante. Eu, como admirador da Psicanálise, acredito sempre numa relação tensa, mas produtiva, com o princípio de realidade, que nesse caso tem a ver com o lugar de Machado ser diferente do lugar que muitas vezes desejamos para ele.

Eu acho que nesse tipo de evento como o da embaixada brasileira, para falar numa linguagem muito simples, o que prevalece, na tentativa de um resgate, é muitas vezes um elemento de "patriotada", digamos assim, e isso é muito incômodo, porque, inclusive, é muito paradoxal: é como reclamar a universalidade com folhas de bananeira por todos os lados. Mas, enfim, eu lembro que tratar da universalidade abre uma série de armadilhas, e de maneira nenhuma eu quero me colocar olímpicamente fora delas. Esse reclamo, digamos, de uma "diferença" machadiana que pode dizer algo, ou de uma "mensagem" machadiana, de algo que se poderia ensinar, e de algo que se quer mostrar,

pode de fato ser uma armadilha. Há sem dúvida possibilidades interessantes abertas por essa "diferença machadiana", desde que tenhamos consciência daquilo que essa fantasia, que é uma fantasia identitária, carrega.

O Hélio foi um dos participantes de um evento relativamente grande sobre Machado de Assis, realizado no início de 2009 em Princeton e Chicago, envolvendo gente da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. A ideia era passar uma semana debatendo e, ao mesmo tempo, fugir desse espectro do debate entre o Machado universal e o Machado local. Mas, para mostrar como a armadilha existe, para que conseguíssemos financiamento, o título com que nos saímos (éramos três organizadores: eu, Dain Borges, da Universidade de Chicago, e Sidney Chalhoub, da Unicamp) foi "*Internationalizing Machado de Assis*"... Isso para conseguir fundos do "Princeton Institute for International and Regional Studies"! Os nomes valem por uma aula de Sociologia. Para conseguir financiamento, nós precisamos acionar essa retórica do local e do universal. Nesse evento, nós estávamos fazendo um pouco de "propaganda machadiana" também. Houve, aliás, uma apresentação muito bonita de um colega de Princeton, Michael Wood, que foi um dos responsáveis por colocar o nome do Machado no livro de resenhas do *New York Times* recentemente. A tese central dele está numa leitura de *O alienista*, em que ele tem um embate com o Schwarz, e onde ele sugere que, no fundo, o local é que possibilita desprovincianizar o centro, o universal. Esse texto foi publicado recentemente, aqui no Brasil, na *Novos Estudos*, a revista do Cebrap.

Hélio de Seixas Guimarães: Esse artigo recente do Michael Wood faz referência a outro ensaio do Roberto Schwarz, chamado "Leituras em competição", que saiu há uns dois anos também na *Novos Estudos*. Ali, ele, Roberto Schwarz, fala das perdas que existiriam numa leitura de Machado de Assis ao lado dos clássicos da literatura universal, já que se perderia a especificidade local. O texto do Michael Wood é uma resposta a isso. A discussão toda é muito parecida, a meu ver, com a discussão entre o Abel e o Roberto. Em ambos os casos, o que se tem no fundo é a reivindicação de uma possibilidade de leitura do texto sem o conhecimento dessa história específica. No caso do Michael Wood, ele defende que isso não significa que o leitor não tenha um compromisso com a História, com o local; talvez esse leitor internacional não conheça todas as especificidades do Brasil, mas ele tem um sentimento histórico formado a partir do local em que vive, o que o torna capaz de ler esse texto.

Marta de Senna: O Michael Wood conta de uma experiência pessoal dele, de um casal que estava vivendo nos Estados Unidos e se recusava a aprender inglês, "*parce que le français nous suffit*". Ele brinca com o local e com o universal, concluindo que o local é o universal e vice-versa.

Hélio de Seixas Guimarães: Ele mostra justamente essa percepção que o Machado tem, e que está tão presente em toda sua obra, de que Paris e Itaguaí, Goiás e a Europa estão profundamente relacionados. Recentemente eu trabalhei com meus alunos aquela crônica intitulada "O autor de si mesmo", que mostra isso de maneira muito impressionante. A crônica parte de uma notícia publicada num jornal de Porto Alegre (de uma criança que, abandonada pelos pais num estábulo, é bicada por uma galinha até a morte), e aquilo que está no noticiário do jornal de província tem uma ressonância, apresenta questões que levam à Europa, a Schopenhauer, à filosofia... Partindo das folhas de uma gazeta provinciana e em alguns poucos parágrafos a crônica mostra que os problemas e os dilemas da província não se esgotam na província.

Ana Claudia: Já que eu dou aula fora do Brasil, eu só queria acrescentar alguma coisa. Há seis ou sete universidades na Inglaterra que oferecem Português e digamos que em quase todas elas Machado de Assis é estudado. Machado de Assis também é estudado em cursos, não muitos, eu tenho notícia de pelo menos um, na linha dos *postcolonial studies*. Isso se dá em parte porque o Franco Moretti leu o Roberto Schwarz e conseguiu identificar, no Machado, algumas coisas que se identificam também em autores indianos, que debatem a tradição européia. Dá para ver que, dependendo do curso, o Machado é visto de um jeito, mas, ao mesmo tempo, esse debate entre o local e o universal está presente também nesses cursos.

Juracy Saraiva: Eu só queria completar que na Espanha, na Universidade de Santiago de Compostela, por incrível que pareça, eles têm seis semestres de Literatura Brasileira e mais dois semestres de Cultura Brasileira, e, nesses semestres, eles estudam Machado de verdade; também nos cursos de Mestrado, há dissertações, teses... Chico Buarque, eles adoram estudar. Então, eu me espanto em saber que eles dedicam tanto tempo à Literatura Brasileira, porque nós, nos nossos cursos de Letras, não estudamos nada da Galiza e nem sequer, hoje, estudamos Literatura Portuguesa... Aqui na USP ainda se estuda...

Hélio de Seixas Guimarães: Há aqui uma Cátedra de Estudos Galegos, que é recente e bem ativa...

Juracy Saraiva: A Carmen Villarino, da Universidade de Santiago de Compostela, é uma grande incentivadora dos estudos machadianos.

Pedro Meira Monteiro: Vou colocar duas coisinhas rápidas. Uma é que acho sempre interessante pensar um pouco sociologicamente, ou seja, em como é que se armam, afinal de contas, as redes de leitura, de legitimação, diálogo, e debate. Há frequentemente, nos críticos, essa expectativa da universalidade como uma espécie de potência mágica, um amuleto, e aí nós nos esquecemos um pouco das artimanhas e das articulações, inclusive no universo das relações acadêmicas, que fundamentam essa universalização do autor. No caso do Schwarz, por exemplo, é muito interessante pensar que sua entrada na crítica em língua inglesa tem a ver com John Gledson e Fredric Jameson. Há uma rede específica de leitores interessados numa certa produção, e que precisa, por assim dizer, de uma matriz que venha desse espaço da periferia. Enfim, é só um detalhe mais para se pensar nessa muiraquitã que é o Machado, e desconstruir um pouco o que há de problemático nessa nossa pedra preciosa.

A outra é essa questão do Hélio, que eu acho fascinante, do lugar do Machado de Assis. Machado pensado como uma espécie de "lugar" em que o drama da crítica literária se revela – este é um tema sobre o qual eu tenho pensado bastante. Tentando resgatar rapidamente uma categoria cara aos antropólogos, a impressão que eu tenho é que a crítica machadiana é um "fato social total", isto é, é aí nesse "lugar" que um bom etnógrafo dessa estranha tribo, que é a dos críticos literários no Brasil, pode observar o que acontece de fundamental nela. Aí estaria cifrada, criptografada, a experiência crítica brasileira. É como se no fim do túnel, para todos nós, estivessem o Silvio Romero, num embate sobre a questão brasileira, e, de outro lado, o José Veríssimo, que está sempre no limite de apontar o que é uma quebra, uma ruptura, uma qualidade daquilo que não é mais evidente e fundamentalmente brasileiro. Eu gosto muito da ideia de enxergar esse embate, por exemplo, entre Abel Barros Baptista e Schwarz, não necessariamente como uma espécie de beco sem saída. É um Fla x Flu, não há dúvida, mas eu olho com carinho para esse Fla x Flu, porque ali estão cifradas questões fundamentais. E, quanto mais resistimos a essas questões, mais nos organizamos inconscientemente em torno

delas, porque são afinal questões constitutivas da leitura da história literária brasileira. Enquanto a ideia de história literária se sustentar nos programas de Literatura, e parece que na USP ela se sustenta bem, nós vamos continuar tendo que lidar com esses fantasmas...

Juracy Saraiva: E esses fantasmas mantêm a leitura!

Pedro Meira Monteiro: Sem dúvida...

Juracy Saraiva: E esse aspecto não é negativo...

Marta de Senna: Eu acho que o melhor da fala do Hélio é justamente apontar para o fato de que isso está no texto do Machado.

Hélio de Seixas Guimarães: Sim, acho necessário reler Machado a partir dessas tensões, que estão armadas *no texto dele*.

Marta de Senna: O problema está todo posto por ele. Eu tive um professor no ensino médio... viu Dimas, naquele tempo em que a gente viu a História acontecer. (O Dimas estava dizendo na hora do almoço que o bom de envelhecer é que a gente não precisa estudar certas coisas, porque a gente viveu...) Mas esse professor meu, que era um professor do ensino médio, dizia: "Vocês podem acreditar em mim porque sempre que vocês acharem que vocês descobriram alguma coisa em Machado, ele vai estar em cima do muro, olhando para vocês, assim, como quem diz: *só agora vocês descobriram?*" Ou seja, o problema está, eu acho, posto por ele; eu acho que a recepção plural e conflituosa do Machado está posta por ele. Ao analisarmos a recepção dele, que aqui a gente está personificando no Abel e no Schwarz...

Juracy Saraiva: É mais ampla...

Hélio de Seixas Guimarães: Voltando um pouco ao livro da Beatriz Sarlo, que eu sempre brinco que foi o melhor livro sobre Machado de Assis publicado em 2008, embora não trate de Machado, mas de Borges...

Marta de Senna: Ainda bem que o meu foi segunda edição, não preciso ficar ofendida...

Hélio de Seixas Guimarães: ... a Beatriz Sarlo escreve o seguinte: "A originalidade de Borges reside em sua resistência em ser encontrado ali onde o procuramos." Isso pode ser dito também sobre Machado.

Marta de Senna: Exatamente.

Plateia [Ana Carolina Sá Teles]: Eu tenho uma pergunta para o Pedro Monteiro. A partir da exposição que ele fez, fiquei pensando nas categorias psicanalíticas, já que sua apresentação passou muito pela fala do auto-estranhamento e do estranhamento com referências freudianas ao estranho familiar. Você falou, por exemplo, sobre a assimetria do sujeito, o que existe entre o sujeito e a máscara que ele cria, ou a forma como ele atua e a impossibilidade de o sujeito captar a si próprio, sempre alguma coisa de estranho que vai irromper dentro do familiar. Eu fiquei pensando no caso específico da Flora, que o conselheiro, de início, batiza como "inexplicável". E também me perguntei como pensar, a partir de categorias como a assimetria, o gêmeos, como isso foi trabalhado no texto do romance. Com a complexidade que a personagem Flora ganha, com o privilégio que ela ganha, sendo até mesmo alinhada com o conselheiro Aires, ela é uma personagem que sucumbe a tudo o que está posto.

Pedro Meira Monteiro: É uma ideia linda para se escrever um artigo. Eu acho que está nomeado o problema. Seria interessante dialogar muito frontalmente com os textos da Lúcia Pereira, que eu acho brilhantes. No caso, essa assimetria é, de fato, a Flora; ela é uma personagem em algum sentido inescrutável, ela é assim por definição, por natureza, mas também porque ela tem uma interioridade que a gente nem sequer consegue vislumbrar. Interessante sobre os personagens de Machado é que, em algum momento, você acha que abriu uma fenda e viu algo; em seguida, percebe que a fenda se fecha, que você não viu nada, que você se enganou etc. Mas no caso da Flora, parece que essa cisão é de "fase", ou seja, um sujeito que se desconhece, e, pensando aliás no Lacan, ele mesmo pensando no Hegel, parece que, nesse momento em que o sujeito se desconhece, ele abriu uma "fase" seguinte, de um outro que sou eu, como se estivéssemos diante da fórmula do Rimbaud trabalhando num moto contínuo: eu é outro, eu é outro, eu é outro... O que aliás garante essa espécie de cisão interior. Mas, na Flora, como você apontou maravilhosamente, essa assimetria se projeta num estranho familiar e,

significativamente, nada mais familiar e estranho do que os gêmeos. Enfim, há algo para ser trabalhado aí, que é fascinante.

Plateia [Ana Carolina Sá Teles]: Eu queria falar também da questão do humor, e também do espaço dado a ela no romance. No texto da Lúcia Serrano que você comentou, aquele capítulo da vertigem e do delírio, é uma posição muito especial para a personagem, porque existe uma aproximação do tio e do Conselheiro, e, no entanto, o fim dela é muito trágico, e mesmo a continuidade é insustentável, fiquei aqui pensando...

Pedro Meira Monteiro: Sempre é fascinante a ideia de que essa espécie de mudança de fase em relação a você mesmo, Flora resolve no piano! É no piano que ela consegue a harmonia, o seio de Abraão, digamos assim. Acho que é uma questão interessante a da posição da música em Machado, sobre a qual se sabe pouco, mas sempre vale a pena estudar. A música é esse elemento de conciliação consigo, a conciliação do sujeito. Se nós seguirmos a leitura, por exemplo, que José Miguel Wisnik faz da música em Machado, há uma espécie de cisão de dois universos, ligados ao popular e ao erudito. Uma cisão que coloca a presença inominável do negro, e do africano, no Brasil. Eu acho que você deveria escrever um texto sobre isso...

Hélio de Seixas Guimarães: Pensando na sua pergunta final – o que há no fundo dos personagens do Machado de Assis? – e pensando agora na Flora: o que há no fundo da Flora?

Pedro Meira Monteiro: Não sei...

Ivan Marques: Mais alguma coisa?

Hélio de Seixas Guimarães: Eu ainda tenho um comentário sobre as escolas do Rio Grande do Sul. É uma história interessante: em 1939, a diretora de uma escola propôs dar o nome de Machado de Assis a um colégio público do Rio Grande do Sul. Juracy, você conhece essa história, não é?

Juracy Saraiva: Não conheço.

Hélio de Seixas Guimarães: Mas o secretário da Educação do Rio Grande do Sul se recusou a aceitar, porque ele considerava o Machado um "fascinante inoculador de venenos sutis" e, portanto, não cairia bem dar o nome dele para uma escola. Essa recusa

causou grande comoção, isso bem no início do ano das comemorações do centenário de nascimento. Foi um escândalo nos jornais do Brasil inteiro, o que acabou criando uma espécie de consenso nacional em torno da importância do Machado de Assis. Logo depois da polêmica, Getúlio Vargas fez um decreto, criando as comissões que dariam início a todos os eventos e publicações que marcariam o centenário de nascimento de Machado de Assis, em 1939, que se tornaria um dos grandes momentos dos estudos machadianos. Ou seja, o escândalo provocado pelo secretário de Educação está na origem da grande mobilização que houve em torno de Machado durante o Estado Novo. Então, as escolas do Rio Grande do Sul parecem acertar, mesmo quando erram.

Juracy Saraiva: O Hélio está me dando a oportunidade de dizer que eu não quero trazer aqui uma imagem negativa daquilo que se faz no meu estado. Eu quero tirar proveito deste levantamento que fiz para discutir exatamente os cursos de formação de professores e levar isso ao conhecimento dos pesquisadores.

João Roberto Faria: Você fique tranquila, nós achávamos que você ia se pronunciar assim: "Machado de Assis, escritor estrangeiro".

Juracy Saraiva: Eu acho que a gente pode tentar reverter isso; há uma certa falta de consciência da importância. Fica-se no mesmo, na repetição, no igual. Eu percebo também que esse problema não é local, ele está ligado a uma questão pontual, que é a formação de professores, os que nós estamos formando nas universidades. Este é o problema pontual. O outro problema é cultural, e é muito mais abrangente: a literatura serve por vezes para dar um determinado verniz cultural, mas experienciá-la como arte já é outra coisa. É muito difícil nós mudarmos esse problema de natureza cultural? É, sem dúvida, mas nós temos o ponto de partida, que é nos mover, nos mobilizar em relação a uma melhor capacitação dos professores que formamos; a partir daí, podemos, inclusive, chegar a um novo posicionamento diante do valor da literatura, e eu não falo de Machado apenas, eu falo da literatura como um todo.

Pedro Meira Monteiro: Interessante é que...

Juracy Saraiva: Gostei, vou usar esse exemplo, preciso desses dados; eu devo transformá-los e usar....

Hélio de Seixas Guimarães: Foi um momento impressionante, que podemos acompanhar perfeitamente lendo os jornais de 1939. A indignação e, aí, o consenso!

Pedro Meira Monteiro: O interessante é a conjunção Estado Novo e Machado, isso é um paradoxo... Sempre que há mobilização em torno de Machado, o resultado é de uma chatice, de uma chatura crítica. Nós podemos criticar a experiência da embaixada, mas o fato é que, sempre que se organiza um evento machadiano, o resultado é uma espécie de, perdoem-me a palavra maliciosa, ereção de um ícone. Eu acho que temos que lidar com essa iconização. Com isso eu quero dizer que, para analisar Machado, os instrumentos são: desconfiança, ambivalência, ambiguidade, delírios. É interessante, porque há algo muito "projetivo", e muito pouco iconoclasta, nisso da formação dos professores. No entanto, talvez, muito mais interessante seria que um professor de Literatura fosse capaz de falar do veneno, do que está abafado, ou seja, de tudo aquilo que conspira contra a ereção do ícone.

Hélio de Seixas Guimarães: É a ideia do monumento que aparece, não só na produção como na crítica; os grandes críticos dos anos 1930, que escreveram sobre Machado, estavam ligados ao Estado Novo, que teve essa habilidade de reunir a inteligência brasileira em torno de Machado. Então, tem isso e tem o lado da construção do mito de Machado de Assis: como o escritor, esse homem pobre, de origem humilde, vira uma espécie de encarnação do homem brasileiro ideal. E, ainda por cima, era mulato, ou seja, ele se transforma num mulato trabalhador, que era o que o Estado Novo também estava construindo: o que vence, vence todas as dificuldades para se afirmar como indivíduo perante a sociedade. A ideia do Machado de Assis funcionário público, muito trabalhador, um homem honrado, dedicado, todas essas ideias formam uma posição muito poderosa no Estado Novo.

Juracy Saraiva: Eu concordo plenamente.

Hélio de Seixas Guimarães: E é impressionante a permanência disso.

Ivan Marques: Estamos na hora. Muito obrigado!